**A CRISE DA ECONOMIA INTERNACIONAL E SUAS REPERCUSSÕES NO BRASIL**

*Paula Mariana Ferreira do Amaral*

**Palavras-chaves:** Crise financeira. Repercussão no Brasil. Crédito. Exportação. Perspectivas.

**1 INTRODUÇÃO**

O presente artigo busca demonstrar que o medo financeiro da crise de 2008 foi tão disseminado quanto à crise de 1929 e a Grande Depressão de 1930, e suas consequências econômicas também foram severas quanto àquelas que seguiram ao crash de Wall Street. No entanto, a repercussão sobre a economia brasileira, ainda que significante, foi relativamente restringida, se comparada com o que ocorreu em várias outras, tanto do ponto de vista da duração da recessão quanto de seu impacto sobre a produção, o sistema financeiro e o mercado de trabalho. (MESQUITA; TORÓS, 2010).

A crise internacional atingiu a economia brasileira em um momento de auge, quando completava uma sequência de seis trimestres de crescimento em aceleração. Nesse contexto, no qual as empresas produzem mais e planejam novos investimentos, o crédito bancário é essencial tanto para o giro como para a expansão da produção. Na reversão das expectativas, os bancos reagiram com excesso de prudência e retraíram fortemente o crédito, levando as empresas a rever os planos de produção e de investimento. O resultado foi a rápida desaceleração da atividade econômica no último trimestre do ano. (FREITAS, 2009, p. 132).

Segundo Gontijo e Oliveira (2011), passado um longo período de forte crescimento de toda economia mundial, entre os anos de 2003 e 2007, acumulavam-se fortes tensões, prognosticando períodos agitados, como já mostravam os indicadores das economias desenvolvidas, devido aos crescentes desequilíbrios orçamentários e externos dos EUA, aos efeitos ainda iniciais da crise do crédito *sub prime*, à forte elevação do preço das *commodities*, petróleo principalmente, e a oscilação inflacionária registrada nos países da Europa, obrigando-os a aumentar as taxas de juros. A economia então se viu mergulhada em uma recessão, com o sistema financeiro fraco e derrubado, os canais de crédito obstruídos e o total desestímulo a investimentos, produção e consumo.

Essa desaceleração foi liderada pelo G-7 (países mais ricos e influentes do mundo: Alemanha, Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Japão, Itália e França) por consequência desses impactos negativos da crise dos EUA que gerou uma intensa inflação, inflação essa que limitava o espaço para uma política monetária dar suporte à fase contracionista do ciclo no curto prazo. Além disso, os países emergentes não ficaram inumes, houve queda substancial em suas exportações líquidas para os países desenvolvidos, tensões geopolíticas e preocupação no combate ao aumento dos preços, mas, mesmo com fatores inversos à economia, a crise expandiu a demanda doméstica ocasionando um crescimento significativo no período. (AZEVEDO; GONÇALVES, 2008).

O Brasil adotou algumas medidas anticíclicas com o objetivo final de evitar que o efeito da turbulência da crise afetasse a economia nacional durante os anos de 2008 e 2009. Foram adotadas medidas na área fiscal, monetária e cambial, Mesquita (2008) cita algumas: programa de redução da exposição cambial do setor público como a eliminação da dívida cambial doméstica pública, a redução da dívida externa pública e a aquisição de reservas, bem como ampliação do valor dedutível de recolhimento compulsório, alteração do regime de compulsórios visando estimular compra de carteiras de crédito, autorização formal para que o Banco Central pudesse fazer operações de redesconto com garantias reais e alteração do regime de compulsórios para depósitos a prazo.

Com isso, o Brasil rapidamente ficou livre da desordem e, no ano de 2010, o PIB nacional avançou 7,6% (a maior taxa de expansão dos últimos 18 anos). Porém, o país descuidou da inflação, não soube reverter às medidas anticíclicas na hora certa, abusou irresponsavelmente dos gastos públicos, a corrupção invadiu o cenário político, e com isso, após cinco anos, a inflação está quase na casa de dois dígitos, a economia está em recessão técnica, o desemprego aumentou e o déficit público cresceu.

**2 DESEMPENHO ECONÔMICO**

**2.1 Retrospectiva geral brasileira**

Para que se possa entender com clareza as repercussões da crise internacional no Brasil, como ele reagiu a essa fase intempestiva e o desempenho econômico recente dos Governos Lula e Dilma é importante realizar uma breve retrospectiva de alguns fatos que marcaram o desenvolvimento do País nas últimas décadas.

* + Década de 80 até o início da década de 90: O Brasil vivenciou um período de complicada instabilidade monetária, marcado por hiperinflação, baixo crescimento da economia e elevação da dívida externa, a chamada Década Perdida.

(...) o cruzeiro foi abruptamente desvalorizado em 30% no final de 1979. A medida acentuou a desaceleração econômica, o descontrole inflacionário e o desarranjo nas contas públicas. Em 1980, a inflação bate a simbólica marca de 100% ao ano. Mesmo com a elevação dos preços dos importados, o balanço de pagamentos registrou enormes déficits. Em 1981, o país entrava em uma recessão que perduraria até o segundo semestre de 1982. (IPEA, 2012).

Período contou, também, com consecutivos planos econômicos, Cruzado I, Cruzado II, Verão I, Verão II, Color I, Collor II que utilizaram medidas para uma tentativa de controle inflacionário e estabilização econômica, como choque de congelamento de preços (Plano Cruzado) até retenção do dinheiro das cadernetas de Poupança (Plano Collor).

* + Na década de 90: expressivas transformações na política de comércio exterior brasileiro. A abertura econômica e comercial e transformações no cenário econômico (programa de privatizações). O grande marco: Plano Real em 1994, um plano econômico, desenvolvido e aplicado no Brasil durante o governo de Itamar Franco tendo como principal objetivo à redução e o controle da inflação.
	+ Década de 2000: consolidação do crescimento, economia mundial em expansão, fortalecimento do mercado interno, políticas de redistribuição de renda, processo de acúmulo de reservas internacionais, expansão do emprego formal, crescimento do crédito, fim da dívida com o FMI (2005), conquista do grau de investimento pelas empresas de rating.
	+ 2008: A grande crise internacional do *sub prime*, descontrole mundial, a passagem por ela e o desajuste nacional.
* O gráfico abaixo demonstra a evolução do PIB do Brasil em uma série histórica de 14 anos, mostrando com clareza o inicio de um novo tempo para a economia, até o ano do *boom* da crise o país seguiu avançando com crescimento, com taxas satisfatórias, no ano de 2009 fechou negativo, justifica-se pelo impacto imediato da crise, mas em seguida ele ganha força e novamente fecha com 7,6%, uma das melhores taxas em mais de 15 anos, contudo, novo patamar a partir de 2011, PIB começa a “derreter” e fecha 2014 com um valor irrisório, frete à uma recessão.



**3 A CRISE DE 2008**

A crise internacional que afetou a economia global teve início nos Estados Unidos em 2007, sendo conhecida como a crise do "*subprime*", conforme é chamada a modalidade de empréstimos de segunda linha no país, atingindo seu ápice em 2008. Devido ao aquecimento do mercado imobiliário, as empresas financeiras americanas passaram a confiar de modo excessivo em pessoas que não tinham bom histórico de pagamento de dívidas.

Os Estados Unidos passavam, na época, por um bom momento econômico, com taxas de juros baixas no país e boas condições de financiamento, o que acabou por contribuir para que os americanos se endividassem para comprar imóveis. Os bancos decidiram, então, transformar os empréstimos hipotecários em papéis e venderam a outras instituições financeiras, culminando em uma perda generalizada.

Nesta época, alguns dos maiores bancos dos Estados Unidos anunciaram prejuízos bilionários e tiveram de ser socorridos, iniciando um processo que se alastrou para outros setores ao redor do mundo. Ao entrar em processo de falência, o banco de investimentos Lehman Brothers ocasionou a maior queda generalizada nas Bolsas do mundo todo, desencadeando uma crise que teve repercussão global, inclusive no Brasil.

**3.1 Repercussão e Desafios da Crise no Brasil**

A crise internacional, difundida a partir da crise dos mercados imobiliário e financeiro dos Estados Unidos, teve grande impacto na economia do Brasil. Embora esses efeitos tenham sido menores em comparação aos Estados Unidos e em diversos países europeus, sua repercussão ainda pôde ser sentida no país.

Dentre os principais fatores a serem citados, destacam-se a falta de crédito, a queda da bolsa de valores, a queda e subsequente valorização do dólar, a queda das taxas de crescimento do país, e a queda na demanda por exportações de produtos brasileiros.

*3.1.1 Falta de Crédito*

Com o estouro da crise em 2008, que teve como marco a quebra do Lehman Brothers no dia 15 de setembro, investidores de todo o mundo passaram a tirar as aplicações de ações de empresas, de bancos e de títulos de governos, incluindo os do Brasil, devido a uma incerteza sobre a veracidade de balanços de alguns bancos e empresas e, além disso, os aplicadores precisaram resgatar investimentos para cobrir prejuízos. Uma vez que o sistema financeiro é interligado em todo o mundo, a baixa liquidez repercutiu na falta de dinheiro disponível no Brasil para a concessão de crédito tanto para as empresas como para os consumidores.

Segundo o gerente de indicadores de mercado da Serasa Experian, Luiz Rabi, de 20% a 25% do crédito oferecido no Brasil vem de fora. Em maio de 2009, a inadimplência de pessoa física chegou a 8,5%, enquanto em junho de 2008, estava em 7%. As empresas foram as mais afetadas, pois tinham dificuldades de obter financiamento para investimentos e exportações, por exemplo. Já os consumidores, para aquisições de bens, principalmente os de maior valor agregado, como veículos e imóveis.

Em um cenário de crise, há menos dinheiro no mercado e bancos em todo o mundo tornam-se mais cautelosos, diminuindo seus empréstimos e cobrando mais caro por eles. Bancos brasileiros encontraram taxas muito altas para tomar empréstimos no exterior, de maneira a afetar o crescimento do crédito no Brasil, de forma geral, e a capacidade de investimento das empresas, em particular. A baixa movimentação na economia contribuiu, também, para uma recessão, fazendo com que houvesse queda nas vendas das empresas, tendo como consequência uma diminuição no volume de produção e aumento do desemprego.

*3.1.2 Queda da Bovespa*

No início do ano de 2008, o Brasil recebeu de três grandes agências de avaliação de risco (DBRS, Fitch, e Standard & Poor’s), o grau de investimento, levando a Bovespa a bater recordes de pontuação. Com esses recordes, a bolsa chegou a 73.516,8 pontos em 20 de maio. No entanto, com o avanço da crise, alguns meses mais tarde, caiu abaixo dos 30 mil pontos. Com as sucessivas quedas, nos primeiros nove meses do ano de 2008, a bolsa já havia acumulado perdas da ordem de 25%. Em 2008, a Bovespa contava com cerca de 500 mil investidores como pessoas físicas. Além disso, houve uma grande queda de IPOs, os lançamentos iniciais de ações das empresas. Em 2007, foram lançadas na Bovespa 64 novas empresas. Até setembro de 2008, tinham ocorrido apenas quatro IPOs.

*3.1.3 Oscilação do Dólar*

Em julho de 2008, o dólar apresentou recordes de quedas, porém a partir de agosto de 2008, voltou a se valorizar de forma crescente e o câmbio, que estava em cerca de R$ 1,60 em agosto, chegou cerca de R$ 2,40 em dezembro do mesmo ano. Essa alta do dólar, somada à falta de crédito no Brasil, prejudicou principalmente empresas que tinham dívidas em dólar, pois não estavam protegidas para oscilações tão grandes da moeda. O dólar em alta demonstrou-se, também, um empecilho para consumidores que pretendiam viajar para o exterior, ou queria adquirir produtos importados.

Os principais efeitos da alta do dólar tiveram relação com a inflação, uma vez que grande parte dos produtos consumidos no Brasil têm o preço influenciado pelo dólar e acabam tornando-se mais caros com a moeda em alta, levando à um aumento da inflação. Já com relação ao impacto na dívida e na capacidade de pagamento, não houve grandes repercussões, pois as dívidas do Brasil não estavam atreladas ao câmbio.

*3.1.4 Taxas de Crescimento no País*

Devido aos impactos da crise, como a escassez de crédito disponível no mercado, houve uma desaceleração do ritmo de crescimento da economia brasileira. No ano de 2008, o Brasil apresentou índices de crescimento razoáveis até o terceiro trimestre, conseguindo fechar o ano com um crescimento de 5,4% do PIB. No entanto, já no ano de 2009, a economia do país registrou recuo de 0,6%. Diante desse contexto, o governo buscou adotar medidas com o intuito de aumentar o consumo no país, como a redução da alíquota do depósito compulsório dos bancos, redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para automóveis, construção civil e eletrodomésticos, a criação do Programa de Sustentação do Investimento (PSI), redução do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF), alterações no formato de cobrança do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e estímulo ao crédito em bancos públicos.

Com todos esses estímulos, foi possível a retomada do crescimento, sendo que no ano de 2010 o país cresceu 7,5%, o que contribuiu para a manutenção e criação de postos de trabalho, além de estimular a população brasileira ao consumo, garantido a sobrevivência das empresas e, consequentemente, de investimentos.

*3.1.5 Exportações*

Nos cinco anos anteriores à crise, o Brasil obteve grandes superávits na balança comercial, e um aumento crescente dos valores vendidos no exterior. De acordo com dados do Banco Central, as exportações saltaram de US$ 73 bilhões, em 2003, para US$ 160 bilhões, no ano de 2007. Em 2006, o Brasil teve um superávit recorde de mais de US$ 46 bilhões. No entanto, os principais responsáveis por esta melhora, *commodities* agrícolas e minerais, tiveram queda de preços. Sendo assim, com a crise de crédito no mercado mundial, os compradores foram forçados a restringir sua demanda, o que fez com que o preço dos produtos brasileiros caísse juntamente com o lucro dos exportadores.

Outro fator provocado pela crise econômica mundial foi a mudança no perfil do Brasil como exportador. Em abril de 2009, a participação dos produtos básicos, ou seja, *commodities* que não passaram por processo industrial, no total das vendas externas do mês superou a dos manufaturados, o que não ocorria desde 1978, segundo dados da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB).

## 3.2 Enfrentamento da crise – Período do governo Lula e Dilma

A crise de 2008 levou ao sistema bancário mundial a um comportamento defensivo de contenção de crédito e busca por ativos de menor risco, como títulos públicos emitidos pelos países mais ricos. Segundo Barbosa (2013) O enfrentamento da crise mundial pelo Brasil ocorreu através de uma redução da oferta de crédito e de uma incerteza acerca da insolvência de grupos empresariais exportadores. Esses impactos geraram perdas patrimoniais no setor privado brasileiro, que teve como resposta o adiamento/cancelamento de investimentos feitos em 2008 e 2009.

O clima gerado de instabilidade econômica e o impacto no poder de compra das famílias brasileiras perante a depreciação cambial resultou em uma queda do crescimento do consumo privado. No Brasil, o país que apresentava uma aceleração no crescimento da economia durante o período de 2003 a 2007, começou a enfrentar problemas em 2008 perante a crise internacional, tendo uma queda no PIB de 5% entre 2008 e 2009 (BARBOSA, 2013).

O enfrentamento do governo Lula perante toda essa situação foi adotar algumas medidas expansionistas nas áreas fiscal, monetária e creditícia de combate contra os efeitos da crise internacional. As principais medidas foram:

1. O aumento da liquidez e a redução da taxa Selic;
2. Manutenção da rede de proteção social e dos programas de investimentos públicos;
3. Desoneração tributárias temporárias e permanentes;
4. Aumento da oferta de crédito pelos bancos públicos;
5. Aumento do investimento público em habitação.

O aumento da liquidez e a redução da taxa Selic ocorreram pela restrição de crédito tanto em moeda local, como em moeda estrangeira. O Banco Central do Brasil (BCB) diminui nas instituições financeiras os recolhimentos compulsórios sobre depósitos e incentivou o financiamento de bancos de pequeno porte pelos bancos de grande porte no mercado interbancário. No mercado externo as reservas internacionais do país foram direcionadas para financiar exportações, com uma taxa de juros de 13,75% que não foi elevada desde a quebra do Lehman Brothers[[1]](#footnote-1) (BARBOSA, 2013).

Outra medida adotada de manutenção da rede de proteção social e dos programas de investimentos públicos onde manteve-se inalterado a receita primária em 2009 e 2010, houve o aumento do salário mínimo, concursos públicos e outras medidas em combate a pobreza como o Bolsa Família. O governo também investiu em infraestrutura com enfoque na área de transporte e logística, na exploração e produção do petróleo pela Petrobrás.

As desonerações tributárias temporárias e permanentes ocorreram no mercado automobilístico em que o governo reduziu as alíquotas do IPI sobre os automóveis para que estes fossem vendidos, uma vez que a redução de oferta de crédito tinha gerado um acúmulo no estoque automotivo.

O aumento da oferta de crédito pelos bancos públicos sucedeu por parte do Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal e principalmente do banco BNDES, com enfoque em investimentos no longo prazo, sobretudo em infraestrutura e financiamento de capital para micro e pequenas empresas.

A última medida tomada foi lançado em 2009 como o programa “Minha casa minha vida” destinado a população de baixa renda a ter moradia própria e como forma de inclusão social. Esse projeto visava reduzir as importações e gerar emprego e renda.

Essas cinco medidas adotadas no governo Lula fizeram com que a economia do país recuperasse de forma rápida, em que no segundo semestre de 2009 o Brasil diminuiu o PIB em apenas 0,6%; o que foi um grande resultado visto os dados anteriores pela queda de 2008 que chegou a 5%. O país também apresentou bons resultados em 2010 com um crescimento de 7,5%, sendo alavancadas principalmente pela forte flutuação do investimento que subiu em 21,8% no referido ano (BARBOSA, 2013).

Segundo Barbosa (2013) “a variável de ajuste entre o forte crescimento da demanda doméstica e o lento crescimento do PIB foi uma queda no saldo da balança comercial do Brasil nos anos 2009 e 2010” (p. 83). Com o avanço econômico do país, novas aberturas foram surgindo para o capital externo que foram atraídos pela recuperação do país e pela taxa básica de juros que permanecia alta. A taxa Selic que era bastante elevada em comparação as taxas de juros internacional, faziam com que o país reduzisse seu risco, sendo favorável a taxa de câmbio brasileira que de 2,34 reais por dólar no final de 2008 passasse para 1,66 reais por dólar em 2010.

A desaceleração da economia de 2008 para 2009 teve efeito inicial negativo sobre a inflação, fazendo com que o BCB aumentasse a Selic em 2% em 2010. Esse movimento conforme visto em Barbosa (2013) “foi complementado por uma elevação dos depósitos compulsórios dos bancos e por uma redução do crescimento das despesas primárias do governo federal” (p. 84).

Em 2011 com o governo Dilma, houve uma continuidade nas ações restritivas iniciadas no final do governo Lula, mas com políticas menos expansionistas e de forma a promover um “pouso suave” (*soft landing*) da economia do país em que o crescimento atingisse um ritmo de 4 a 5% ao ano. As medidas adotadas consistiram em empreender um contingenciamento dos gastos do governo e elevar seu resultado primário no ano de 2011.

Neste mesmo ano, o governo adotou uma reestruturação nos investimentos em infraestrutura com uma redução temporária dos desembolsos em gastos públicos e começou a preocupar em reduzir a taxa real de juros do país que mesmo com a redução no governo Lula, continuava alta perante o mundo, além de que possuía um alto pagamento de juros sobre a dívida pública.

Outro enfrentamento durando o governo Dilma foi a adoção de medidas denominadas por Barbosa (2013) como “macroprudenciais” de aumento dos depósitos compulsórios e dos requerimentos de capital dos bancos para diminuir a expansão de crédito. Essa adoção visava fortalecer a situação patrimonial dos bancos e evitar o aumento da Selic, e foram acompanhadas pela elevação do IOF sobre operações de crédito pessoal para diminuir os financiamentos de consumo.

O impacto das medidas descritas adotadas acima foi de caráter positivo em desacelerar o crescimento de crédito no país e reduzir o aumento da Selic de forma a combater a inflação, e também teve impacto negativo perante fatores externos em países como EUA, União Européia e China que neste cenário internacional resultaram em uma desaceleração do PIB brasileiro nos anos de 2011 e 2012.

Os dois primeiros anos do governo Dilma tiveram importantes reformas para economia: incentivo no combate à pobreza, fundação do Pronatec[[2]](#footnote-2), continuação da reforma da previdência do setor público iniciada em Lula através da criação da Fundo de Previdência Complementar para os Servidores Públicos Federais – Funpresp, a eliminação da contribuição patronal sobre salários para contribuição patronal reduzida e iniciou um programa de concessões de infraestrutura de maneira a reduzir custos e aumentar a competitividade do país internacionalmente na concessões de rodovias, ferrovias, portos e aeroportos.

A crise de 2008 gerou impactos no Brasil que demorou para que o país retomasse seu padrão econômico, sendo necessárias estratégias e perspectivas futuras para a trajetória de crescimento da economia.

**3.3** **Perspectivas para o futuro**

Desde o início do governo Lula, o Brasil tem sido fortemente caracterizado pelos altos gastos do governo com programas de investimento em infraestrutura, como o PAC e programas sociais, como o Bolsa Família e o PROUNI. A crise do *Subprime* em 2008 e suas consequências na demanda mundial e na estabilização econômica dos demais países, assim como os reflexos desta crise que são ainda muito presentes, levaram a uma queda considerável na produção do Brasil.

No segundo semestre de 2015 o governo apresentou uma projeção de Orçamento da União com déficit primário de R$ 30,5 bilhões (0,5% do PIB). Para contornar essa situação, o governo pretende tomar algumas medidas fiscais contracionistas.

Entre as estratégias do governo está o corte de R$ 26 bilhões dos gastos na proposta do Orçamento da União de 2016 apresentada. As principais áreas afetadas serão as despesas com a Saúde que perderá R$ 3,8 bilhões no repasse e [o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) que terá redução de R$ 2,7 bilhões](http://oglobo.globo.com/brasil/2015/11/04/3046-pac-sofrera-corte-de-27-bilhoes-em-2016). Além destes, outros cortes previstos foram a suspensão de concursos públicos economizando R$ 1,5 bilhão, a eliminação do abono de permanência (-R$ 1,2 bilhão), a implementação do teto remuneratório do serviço público (-R$ 0,8 bilhão), a redução de demais gastos (-R$ 2 bilhões), o direcionamento de recursos do FGTS para o pagamento de parte das despesas da Faixa 1 do Minha Casa Minha Vida (-R$ 4,8 bilhões), a revisão do gasto com subvenção de garantia de preços agrícolas (-R$ 1,1 bilhão).

O Governo também propôs alguns reajustes no que se refere aos impostos. O possível retorno da CPMF - Contribuição Provisória sobre Movimentações Financeiras- traria um aumento na receita de R$ 32 bilhões aos cofres federais. O foco principal do destino desta arrecadação é a Previdência Social e a alíquota proposta foi de 0,2% sobre todas as transações bancárias de pessoas físicas e jurídicas.

Quanto às perspectivas do Mercado, o Boletim Focus, divulgado pelo Banco Central do Brasil no dia em novembro desde ano mostra uma projeção de alta da inflação em 6,5% para 2016, valor que está no teto da meta determinada: 4,5% para o ano que vem podendo variar 2% para cima ou para baixo. Também houve um aumento na expectativa dos Preços Administrados, ou seja, os preços de água, luz, telefonia, combustível fechando em 7% de alta.

Para o PIB a previsão é de uma retração de 2% em relação ao ano anterior. Porém, o Governo publicou no 5º Relatório de Avaliação de Receitas e Despesas, que conta com uma retração no PIB de 3,1%. O Relatório também anuncia uma redução na receita total de R$ 57,920 bilhões em relação ao documento anterior, o que pode alterar as expectativas do mercado no próximo mês.

Portanto esse cenário deu ao Brasil, não só pelas consequências da crise de internacional, mas também questões políticas e econômicas uma fama negativa que deve ser extinta e retomada a confiança dos agentes econômicos.



**4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nas informações coletadas pode-se concluir que a crise iniciada nos EUA, maior potência econômica, expandiu para todo o mundo de forma rápida e agressiva, podendo ser comparada até com a Crise de 1929, pelo fato de ter afetado não só a potencia Norte Americana, como também, países da Europa e os do Hemisfério Sul, sendo um deles o Brasil.

No caso do Brasil, com sua economia em expansão, a crise gerou vários problemas financeiros e sociais, os quais retardaram sua economia. Um deles foi a perda patrimonial no setor privado brasileiro. Outro foi a redução do poder de compra das famílias brasileiras que diminuiu o consumo privado. Isso por causa da depreciação e instabilidade da economia.

A fim de controlar estes problemas, o governo Lula, na tentativa de combater a crise criou medidas expansionistas nas áreas fiscais, monetárias e creditícias as quais foram citadas no corpo do trabalho, levando uma melhoria significativa na economia.

A eleição de Dilma em 2011 contribuiu para uma aparência controlada da economia, pois além de manter algumas medidas de Lula, exceto as expansionistas criou programas sociais os quais ajudaram a população na formação pessoal e criou reformas de incentivo ao combate a pobreza. Isso contribuiu para ajudar o país a se estabilizar, mas o processo demorou até retomar a economia e a confiança no mercado externo.

Tendo em vista nos dados coletados e nas percepções fundamentadas, conclui-se que é de suma importância ter conhecimento da história do país e do mundo, uma vez que contribui para o crescimento do intelecto pessoal e para o entendimento do “por que” as coisas acontecerem, o que ficou de resquício e até levar a pensar no que pode afetar ou já está afetando na economia atual do país que se encontra tão defasada e com tantos problemas.

A consciência do saber é o conceito mais real e concreto que se pode ter e é com base nele que a possibilidade de falar sobre assuntos tão complexos, mas tão realistas, pois acontecem todos dias, todo instante e normalmente o interesse de pesquisá-lo é mínimo que a ignorância e a falta do saber se torna até comum aos olhos da população.

**REFERÊNCIAS**

AZEVEDO, Rodrigo; GONÇALVES, Fernando. **A economia mundial 2008/2009**. Agosto/2008. JGP Gestão de Recursos Ltda. Disponível em: < http://www.bcb.gov.br/Pec/Depep/Seminarios/2008\_XSemAnualMetasInflBCB/Arquivos/2008\_XSemAnualMetasInflBCB\_RodrigoAzevedo.pdf> Acesso em 17 nov. 2015.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. FOCUS – **Relatório de Mercado.** 13 de novembro de 2015. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/pec/GCI/PORT/readout/R20151113.pdf>>

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Taxas de Câmbio – Cotações e Boletins. Disponível em: <http://www4.bcb.gov.br/pec/taxas/port/ptaxnpesq.asp?id=txcotacao>

BARBOSA, Nelson. **Dez anos de governos** **pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma.** Ed. FLACSO, 2013.

CORREA A. **Crise muda perfil das exportações no Brasil.** Disponível em [<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/09/090908\_crise\_exportacoes\_ac\_np.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/09/090908_crise_exportacoes_ac_np.shtml)> Acesso em 20 nov. 2015.

DOWBOR, Ladislau. **A crise financeira sem mistérios**: convergência dos dramas econômicos, sociais e ambientais.

FREITAS, Maria Cristina Penido de. Os efeitos da crise global no Brasil: aversão ao risco e preferência pela liquidez no mercado de crédito. **Estudos Avançados**. V. 23, n.66, p.125-145. Maio. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v23n66/a11v2366.pdf> Acesso em 19 nov. 2015.

GASPARIN, G. **Entenda como a crise de 2008 afetou a vida dos** brasileiros. Disponível em [<http://g1.globo.com/economia/seu-dinheiro/noticia/2011/09/entenda-como-crise-de-2008-influenciou-vida-dos-brasileiros.html](http://g1.globo.com/economia/seu-dinheiro/noticia/2011/09/entenda-como-crise-de-2008-influenciou-vida-dos-brasileiros.html)>. Acesso em 20 nov. 2015.

GONTIJO, Cláudio; OLIVEIRA, Fabrício Augusto de. **Subprime**: os 100 dias que abalaram o capital financeiro mundial e os efeitos da crise sobre o Brasil. Belo Horizonte. Março, 2011. Disponível em: <http://www.portaldoeconomista.org.br/userfiles/file/Subprime\_Vers%C3%A3o\_2011.pdf>. Acesso em 19 nov. 2015.

GOVERNO FEDERAL. Orçamento Federal – **Projeto de Lei Orçamentária 2016**

Disponível em: <http://www.orcamentofederal.gov.br/orcamentos-anuais/orcamento-2016/Arquivos-ploa/orcamento-cidadao-2016.pdf>

GOVERNO FEDERAL. **5º Relatório de Avaliação de Receitas e Despesas**.

Disponível em: <https://orcamentofederal.gov.br/orcamentos-anuais/orcamento-2015-2/arquivos-relatorio-avaliacao-fiscal/relatorio-5o-bimestre.pdf>

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Anos 1980, década perdida ou ganha?** Edição 72, ano 9, Jun. 2012. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\_content&id=2759:catid=28&Itemid=23> Acesso em 19 nov. 2015.

MESQUITA, Mário. **O Brasil e a Crise Internacional**. Banco do Brasil. Out/2008. Disponível em: < bhttps://www.bcb.gov.br/pec/appron/Apres/OBrasileaCriseInternacional.pdf>. Acesso em 17 nov. 2015.

MESQUITA, Mário; TORÓS, Mario. Considerações sobre a atuação do Banco Central na Crise de 2008. **Trabalhos para Discussão**. n. 202, p. 1-39, mar 2010. Banco do Brasil. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/pec/wps/port/wps202.pdf> Acesso em 17 nov. 2015.

NEVES, V. **As repercussões da crise financeira mundial no Brasil: entre tsunamis e marolinhas**. Disponível em <<http://mundorama.net/2012/10/14/as-repercussoes-da-crise-financeira-mundial-no-brasil-entre-tsunamis-e-marolinhas-por-victor-de-sa-neves/>>. Acesso em 20 nov. 2015.

UOL ECONOMIA. **Entenda como a crise econômica afeta o Brasil.** Disponível em <<http://economia.uol.com.br/ultnot/bbc/2008/09/18/ult2283u1339.jhtm>>. Acesso em 20 nov. 2015.

1. Banco norte-americano que quebrou e ocasionou uma mudança no quadro econômico do Brasil e do mundo. [↑](#footnote-ref-1)
2. Programa de incentivo ao ensino técnico e à qualificação de mão de obra [↑](#footnote-ref-2)